

V DOMINGO DA PÁSCOA

ANO C

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

O Evangelho que acabamos de escutar, vem na imediata seqüência do relato da traição de Judas. E nesse clima de festa e de dor para Jesus por saber da traição desse discípulo e, também, de despedida dos seus amigos, deixa como testamento um mandamento, chamado novo pela perfeição a qual o elevou, sendo, depois de sua volta ao Pai, um distintivo dos seus seguidores: ***“Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros.”***

Mais tarde, o evangelista São João em sua Primeira Epístola dirá “*Deus é amor*” . Portanto, amar é a única forma de tornar Deus presente entre nós.

Mas o que é o amor?

Como explicar essa realidade divina que poderá estar presente e atuar no humano se, hoje, o vocábulo amor cresceu incomensuravelmente em seu significado?

Amor poderá ser sinônimo de gostar, de sentir, de saborear, de se relacionar, de praticar o sexo, etc, etc. Poucos têm consciência de que amar é uma atividade divina no ser humano que, nem sempre com sentimentos agradáveis, torna Deus presente entre nós.

Amar, em poucas palavras, é fazer o bem a si mesmo e a outrem. Entretanto, precisaríamos deixar claro o que é um bem, pois em nossa cultura subjetivista cada um tem o “direito” de defini-lo e nem sempre corretamente.

Neste Domingo quero deter-me num aspecto do amor: a correção.

Amar é corrigir; é tirar alguém do equívoco, do erro; iluminá-lo para não fazer o errado passar por certo nem a mentira pela verdade; despertá-lo para a gravidade da demagogia travestida de bondade, simpatia e altruísmo. Por conseguinte, quem ama corrige e busca na pessoa do Cristo a forma de correção adequada a cada pessoa e numa determinada situação.

Se tomarmos o relato evangélico em seu início, veremos que Jesus - o amor encarnado do Pai - jamais deixou de corrigir quando necessário.

Ainda juvenzinho, em Jerusalém, ao questionamento de sua Mãe dirá: *“Por que me procuráreis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?”*

Já em sua vida pública, são inúmeros os relatos nos quais Jesus corrige, porque seu projeto é amar. Lembremos de alguns episódios apenas: aos fariseus quando diz: *“O Filho do Homem é senhor do sábado!”* ; repreendendo os discípulos ao chamá-Lo de *“Senhor, Senhor, mas não fazeis o que eu digo”*; quando salva a pecadora do apedrejamento dizendo-lhe *“Vai e não peques mais!”* ; aos seus parentes: *“Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.”*; a discussão entre os Apóstolos para saber quem era o maior: *“Estou no meio de vós como aquele que serve.”*; a crítica ao ritual de purificação dos fariseus: *“Purificais o exterior do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e de perversidade”*; quando educa seus discípulos à correção fraterna: *“Se teu irmão pecar, repreende-o”*; a unção em Betânia, quando responde a Judas: *“Deixai-a, ela conservou*

esse perfume para o dia de minha sepultura, Pois pobres sempre tereis pobres convosco...” ; ao pedido da mãe dos filhos de Zebedeu: *“Não sabeis o que pedis”* ; irado no Templo de Jerusalém: *“Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio”*.

Uma *Lectio Divina* atenta dos Evangelhos nos levará a ampliar e muito esses relatos acima mencionados, que dizem respeito à correção, uma forma de amar.

Na educação atual, a correção nem sempre é vista como um bem, uma forma de amar. Por isso, é muito difícil corrigir e aceitar qualquer correção. O resultado dessa realidade é a fragilidade psíquica e espiritual na qual uma imensidão de pessoas está mergulhada.

Uma sociedade que faz a humildade sinônimo de fraqueza dificilmente se disporá a educar seus filhos para a necessária correção. Com isso, desenvolve-se nas pessoas

um orgulho doentio que, quando corrigida, se vitimiza jogando a responsabilidade de seus erros e desacertos a terceiros. Quando, então, ativa no *facebook* uma plateia para ovacioná-la. Continuamos, dessa forma, a prolongar no tempo a experiência de Adão e Eva no paraíso quando questionados por Deus. Este põe a culpa em Eva e esta na serpente. A criatura, símbolo do mal, como não pôde se defender e criada por Deus, endereça a culpa do pecado dos velhos pais ao próprio Deus, que os criara.

Um novo céu e uma nova terra já foram inaugurados pelo mistério pascal de Cristo. Temos, como cristãos, a graça de já viver como cidadãos da gloriosa Jerusalém, porém, se tivermos amor uns pelos outros; se tivermos a capacidade de viver, na fé, a correção, uma forma de amar.

Deus nos faça aptos para esse exercício exigido a todo batizado: corrigir e se deixar corrigir, porque a verdade, e somente ela, nos libertará de nós mesmos e dos enganos do mundo.

A Eucaristia que celebramos torna Deus presente entre nós, exatamente porque ao instituí-la, Jesus num rito de Ceia Pascal deixou-nos como memorial seu sacrifício no altar da cruz, cuja oblação ao Pai corrigiu a desobediência do velho Adão.

Assim seja.